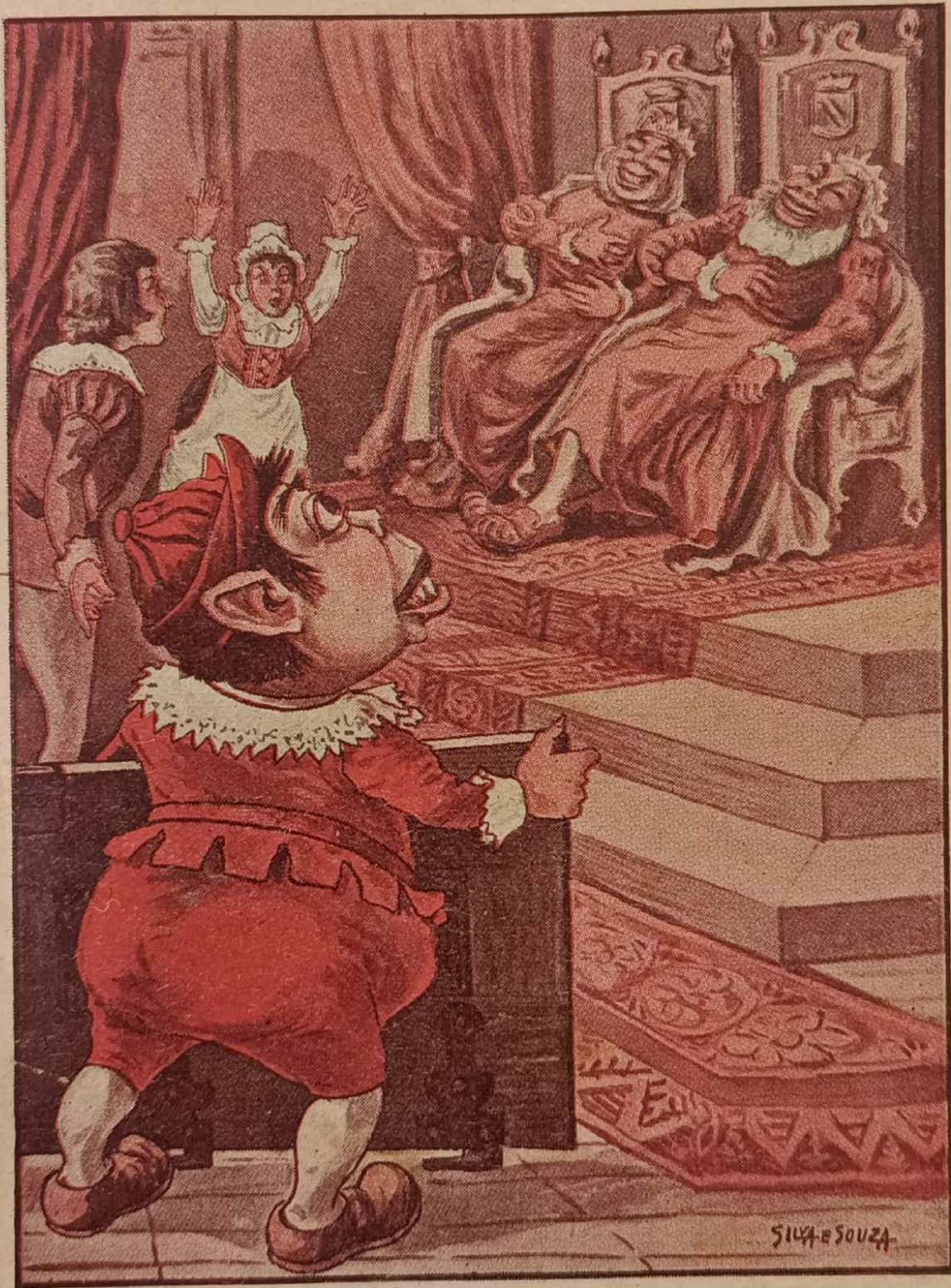


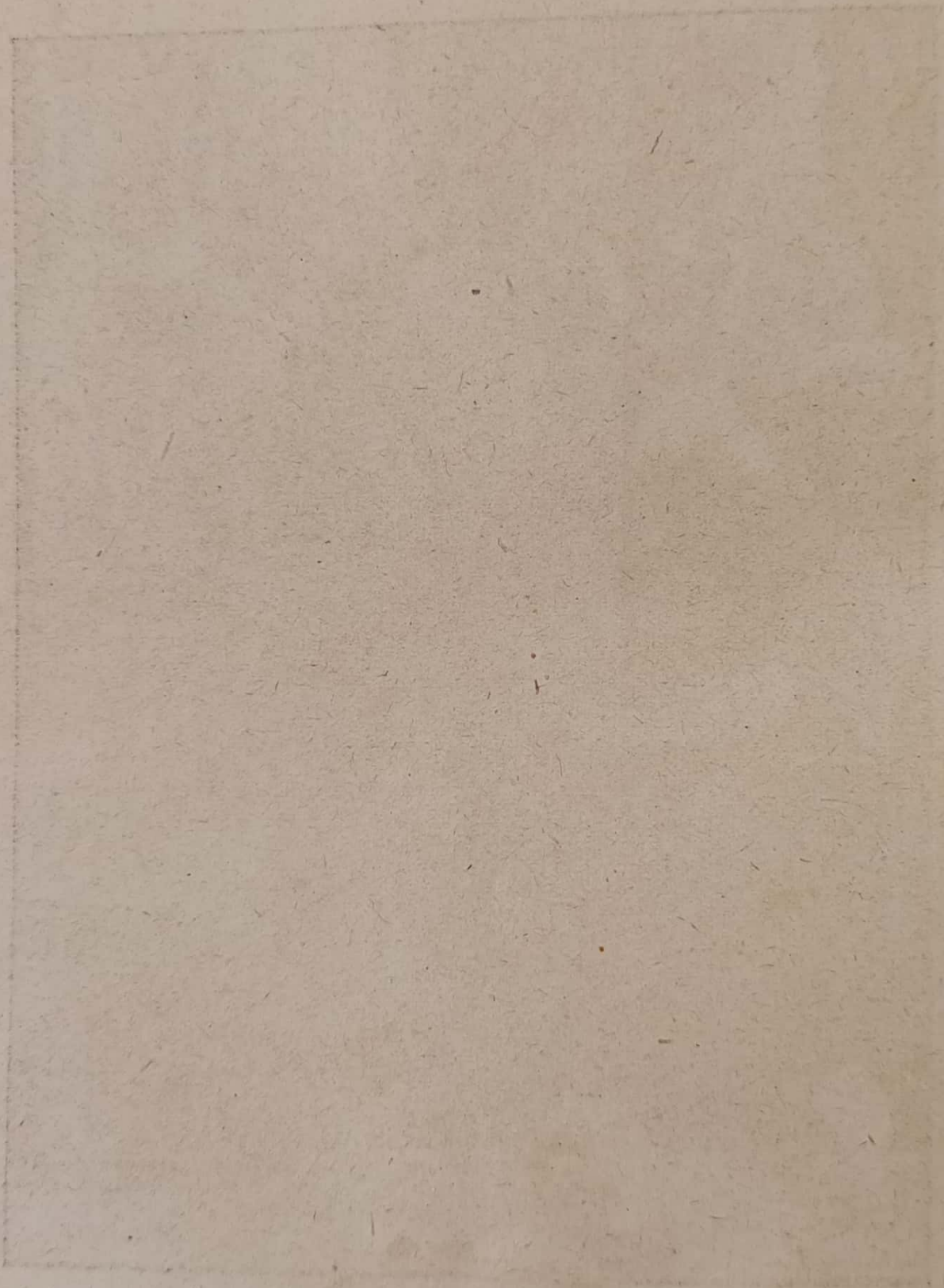
# VIDA DE CACASSENO

Filho do simples Bertoldinho — Neto do astuto Bertoldo



**LIVRARIA BARATEIRA**

*34, Rua do Duque, 36 — LISBOA*

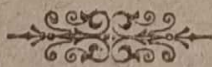


— VIDA —  
DE  
CACASSENO

FILHO DO SIMPLES  
BERTOLDINHO

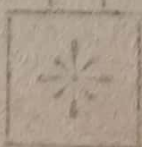
E NETO DO ASTUTO  
BERTOLDO

NOVISSIMA EDIÇÃO



1927

LIVRARIA BARATEIRA  
34, Rua do Duque, 36  
-:-:- LISBOA -:-:-



## INTRODUÇÃO

O astuto Bertoldo e a sagaz Marcolfa, sua mulher, não obstante terem nascido e se creado no centro de uma montanha, com os seus ditos, sentenças morais e agudas respostas não só fizeram admirar os particulares que os ouviam, mas tambem a el-rei Alboino e á sua mulher, a rainha Ipsicratea, de quem estes rusticos eram vasallos; e por esta causa receberam deste soberano muitos favores e dadivas correspondentes á sua grandeza. Tiveram estes a felicidade de lograr o fructo matrimonial, concedendo-lhes o Céu a sucessão em um filho. Eram grandes as alegrias que tinham os dous esposos que por muitos motivos, e o maior delles era porque presumiam que este novo infante se pareceria com o seu pae Bertoldo (e para que até o nome se parecesse com o de seu pae, lhe puzeram Bertoldinho); porém a esperança que tinham lhes sahiu frusfada: pois, depois de grandezinho, se Bertoldo seu pae era agudo e sagaz, Bertoldinho seu filho era pelo contrario, e sahiu tão simples, tonto e bruto, que desmerecia o seu nascimento. O pobre pae, com tal contrariedade, se ausentou para a a côrte, não podendo soffrer as simplicidade do seu filho, aonde, como vimos, acabou, e deram fim os dias de sua vida, ficando Marcolfa viuva, com Bertoldinho seu filho.

Teve noticia delle el-rei; com a curiosidade de os ver, fez vir a côrte Marcolfa e seu filho e, cuidando esta pobre que el-rei a tinha feito vir para algum máu fim, lhe succedeu o contrario, pois Bertoldinho, com as suas innocencias, deu gosto na côrte que, quando se retirou della, el-rei lhe mandou dar dous mil escudos de ouro, com outras innumeraveis cousas de summo valor e preço.

Todas estas alfaias as vendeu Marcolfa, e com o dinheiro dellas, e parte de dous mil escudos, comprou varias herdades para viver o resto da sua vida; ao depois, Bertoldinho se casou e teve um filho, que se chamou Casseno, de quem agora referiremos a graciosa vida.





## VIDA DE CACASSENO

Herminio, de quem fallamos no segundo tomo desta obra, era creado (como já disse) de el-rei Alboino, e com ordem d'elle, acompanhado de um creado seu, correu por muitos dias muitos povos que incluía certa provincia da corôa, a fazer differentes negocios particulares da corôa, e accidentalmente passou pelo pé da montanha onde habitava a memoravel Marcolfa, com o celebre e nunca bem acabado Bertoldinho.

Julgou fazer uma cousa muito de agrado, se levasse noticia d'elles a el-rei, e assim determinou ir vê-los. Subiu a montanha e, quando chegou acima, ficou admirado da boa situação do paiz: estavam umas casas decentemente fabricadas e, chegando á porta, chamou. Ouvindo Marcolfa chamar, chegou á janela e, vendo Herminio, logo o conheceu; veio logo abaixo e o fez entrar, mostrando grande contentamento de o vêr. Fez-lhe muitos agasalhos e tiveram varias conversações, entre as quaes lhe contou como o seu filho Bertoldinho havia casado e muito bem; e como com o dinheiro e valor das alfaias que lhes tinham dado suas magestades compraram varios bens, que, juntos com alguns que já tinham quando foram para a côrte, fizeram um bom patrimonio para passarem sem fadiga os dias da sua vida. Tambem lhe disse que Bertoldinho, depois que passou os annos da sua juventude, tinha dado tal volta que não havia de o conhecer, com a descrição que se lhe tinha infundido, e que viviam com tranquillidade, não lhes molestando mais que uma cousa, a qual era que, depois de tanto tempo que Bertoldinho havia casado, não tinha mais que um filho, o qual já se achava com a idade de

sete annos, e com a desconsolação de ter sahido mais simples e nescio do que tinha sido seu pae. Teve Herminio grandissimo gosto com esta conversação, e determinou levar noticia a el-rei de tudo quanto havia escogitado, e assim lhe perguntou:

— Dizei-me, Marcolfa, onde estão Bertoldinho e seu filho?

— Foram aqui perto á choça de um pastor nosso, e não poderão tardar, porque é chegada a hora de almoçar.

— E o filho como se chama?

— Seu nome proprio é Arsenio; porém, como estes montanhezes sempre inventam e acrescentam e tiram nomes, os proprios nomes não vem a servir, e assim te mostrarei um exemplo: entre nós outros o que se chama Antonio; se é de estatura crescida, chama-se Antonão; se é de estatura baixa, Antoneto; se é mais dinumita, Antonito; se é pequeno ou rapaz; Antonico. De modo que reduzem o nome de Antonio em tantas peças que não se conhece já o primeiro nome que teve, como presentemente succedeu a meu neto, que, chamando-se Arsenio, como é pequeno e um pouco simples, lhe têm posto o ridiculo nome de Cacasseno.

Herminio, quando ouviu o nome tão ridiculo de Cacasseno, encheu-se de summo gosto, e se lhe incendiou a vontade e o desejo de o levar á côrte. E no entanto que deitava suas linhas, para ver o modo que havia usar para o levar, ouviu na rua a Domingas, mulher de Bertoldinho, que vinha cantando a copla seguinte:

Todos me dicen soy tan linda y bella,  
Que de algun gran Señor hija me parezco;  
Uno me llama Diana estrella.  
Otro que amor flechero ser merezco  
Todo el lugar me dice sin querella  
Que en mi frente las flores reverdezco;  
Y un mancebo anteayer al verme clama:  
Que uo haya de estais pulgas en mi cama!

A este tempo chegou Bertoldinho e depois Domingas, que traziam molhos de nabos e cenouras da sua horta; fizeram muitos cumprimentos e Herminio disse:

### Herminio, Marcolfa, Bertoldinho e Domingas

Herminio. Eras tu aquella mocita que cantava?

Domingas. Não senhor; era uma pastora nossa.

Marcolfa. Ah! mentirosa! Olha que não parece bem



o dizer mentiras. Sim, senhor, era ella e sabe cantar muitas modinhas graciosas.

H. Dominguitas, faze o favor de tornar a cantar o que fôr mais de teu agrado, comtanto que cantes.

D. Devéras, não posso cantar porque estou rouca.

B. Vamos, canta; de que tens medo?

D. Certamente que não posso, e agora não me lembro de nenhuma cantiga.

M. Despacha-te; queres que te roguem, e deixar este cavalheiro desconsolado?

B. Não fazem mais as grandes musicas quando são muitos rogadas, e quando chegam a cantar já têm enfadado o auditorio. Anda, Dominguitas, canta, canta.

D. Pelo mesmo que ateimais, não quero cantar.

H. Não te enfades, Dominguitas, que teu marido está brincando contigo.

M. Canta filha, que parece mal tanto rogar.

D. Eu o farei; porém não aqui.

H. Comquanto tu cantes, seja aonde quizeres.

Emquanto Domingas foi cantar o seguinte stromboto, Marcolfa e Bertoldinho se despediram de Herminio, porque iam dispôr a sua comida, e ao mesmo tempo chegou Cascasseno, que vinha de almoçar, e Herminio o agarrou.

### Stromboto

Si te vienes conmigo, prenda mia,  
A caballo vendrás en mi pollino,  
Verás un espejo mi alqueria  
Todo su ajuar, el gallo y el cochino;  
Del gilguero la acorde melodia.  
Oirás entre las plumas que previno,  
Y tendrás el contenido duplicado  
Tordos cazando, y Mirlos en el prado.

Assim que acabou de cantar Dominguitas, começou a perguntar Herminio a Cascasseno:

H. Menino formoso que fazes?

Cascasseno. Neste instante acabo de almoçar.

H. Bom principio; dize-me, como é teu nome?

C. Não senhor, não sou homem, sou rapaz.

H. Não pergunto se és homem, o que te digo é como te chamas?

C. Quando alguém me chama eu lhe respondo.

H. E se te houvesse de chamar, como te chamaria?

C. Como quizeres; porém cuidado, tem as mãos quietas.

tas. Parece que me queres tirar os olhos? não me faças enfadar, quando não com este pau... Pois não conheces ainda quem sou?

E' preciso advertir que Herminio, quando falava com elle, fazia varios movimentos com as mãos; a Cacasseno parecia que lhe queria tirar os olhos, e se enfadou, e, levantando o pau lhe quiz dar com elle na cabeça; porém Marcolfa, chegando ao mesmo tempo, lhe deu um bofetão, com que fez muito depressa abaixar o pau. Começou a gritar Cacasseno, que parecia um leitão quando o querem matar; correu Domingas, lhe levou um bolo para o aquietar e lhe disse:

### **Domingas, Cacasseno e Herminio**

Domingas. Que tens Cacasseno, que tanto choras?

Cacasseno. U, û, û; avó me deu, porque me queria defender (û, û, ù) deste homem, que me queria tirar os olhos com os dedos; á, á, á!

D. Cala-te, Cacasseno, que faremos avó vir descalça para a camá, sim meu filho? Eia, cospe, verás como lhe casco.

Herminio. Não é certo que eu lhe queria tirar os olhos. Vamos, meu filho, toma um, dous, tres, e seremos amigos. Vendo Cacasseno tres, ou para melhor dizer quatro, socegou, e ao mesmo tempo Domingas lhe disse: Faze uma cortezia a estes senhores e beija as mãos á avó.

### **Formosura de Cacasseno**

Herminio esteve observando os movimentos que fazia e não pôde considerar o gosto que teriam el-rei e a rainha de o vêr, porque tinha extravagante figura; pois era summamente gordo de cintura, testa muito estreita, os olhos esbugalhados, as sobranceiras largas e crespas, o nariz chato, e a boca aguçada. Assim que chegou a hora de comer, todos lavaram as mãos e sentaram-se á mesa. Aqui deixo á consideração do curioso leitor o sofrimento do riso que padeceria o pobre Herminio durante a comida, e depois de concluida disse:

### **Herminio, Domingas, Marcolfa e Bertoldinho**

Herminio. Haveis de saber que um dia destes pela manhã o comprador do palacio, estando na praça comprando uns cabritos de um montanhez desta serra (que julgo será conhecido vosso), esteve contando da sorte que vós trataes, dando noticia do vosso Cacasseno; chegou

esta voz aos ouvidos de el-rei, e mandou que eu viesse para que o levasse á vista, pois está ancioso de o vêr. Com que estaes na obrigação, por cortezia, agradecimento e attenção de lhe dar gosto em uma cousa tão facil, que só depende da vossa boa vontade e affecto ao soberano.

Domingas. Que se entende disso, que vá meu filho? Não, senhor: não pôde ser, porque meu filho é tão simples e tão bruto, que estou certa que, se vae para a côrte, lhe ha de succeder algum trabalho.

Marcolfa. Nora e filha minha, não tenhaes medo que eu irei na sua companhia, e haveis de entender que os braços dos soberanos são mui largos, e chegam ao mais dilatado do mundo; e, considerando isto, é preciso obedecer-lhes com preceito ou sem elle, e sobretudo por obrigação.

Bertoldinho. E com especialidade a el-rei Alboino, a quem devemos tudo o que temos. Com que Domingas, socega-te que esta é a nossa maior fortuna.

**Marcolfa consegue de Domingas deixar levar Cacasseno a palacio e, depois de conseguida a licença, o vestiram com os seus vestidos domingueiros.**

Com as razões de Marcolfa e de Bertoldinho não replicou mais Domingas; vestiu seu filho, e o entregou a sua avó Marcolfa; fizeram-lhe aquelles carinhos paternos que são naturaes com um filho e se despediram. Ficando Bertoldinho e Domingas para cuidar na casa, marcharam, pois, Herminio e seu criado com Marcolfa e Cacasseno, desceram a montanha, e tomaram o caminho da côrte. Herminio, assim que chegou á primeira pousada, fez apear o criado e lhe mandou dar uma posta que fosse dar noticia aos seus soberanos do que lhe havia succedido; e como ficou o cavallo sem cavalleiro, Herminio se voltou para Marcolfa, que ia a pé com Cacasseno, e lhe disse:

— Marcolfa, parece-me conveniente que Cacasseno monte á cavallo, já que estamos em planicie, que assim não se cansará na jornada.

— Dizes muito bem e é conselho muito prudente; pois já que está de vazio o cavallo, será bom que eu o occupe. Cacasseno. vamos, eu te montarei.

— Não quero, que tenho medo que me morda.

— E porque te ha de morder?

— Já disse que não quero. Não vês como arreganha os dentes?

— Espera, Marcolfa eu me apeio e o porei de sorte que

vá bem; anda, vamos não tenhas medo, abre bem as pernas, e monta em cima da sella. Ah! que bravo moço. Toma a rédea na mão e deixa que siga o meu cavallo.

### Herminio e Casasseno

Herminio. Apeia-te, que moi tastes ás avessas.

— Eu nunca poderei estar melhor do que estou; tu não me disseste que el-rei te enviou para que me conduzisses.

— E, verdade que sim; porém que queres dizer com isso?

— Pois toma a rédea do cavallo e conduze-me, que assim não verei os perigos que tenho de passar.

— Boa compra fiz: já cheguei a ser moço de cavallo, em lugar de ser um cego. Que tal é a frescura deste marmelo com figura de Camões.

Neste tempo passou accidentalmente um aldeão que ia para a côrte. Herminio o chamou, e lhe mandou que levasse pelas rédeas o cavallo de Casasseno, que fosse daquelle modo até a porta do palacio, e ali esperasse; foi com ordem de que ao entrar, fossem com soldados, para seu resguardo, lembrando-se de que os rapazes o apedrejassem pela figura e modo como ia montado. E, sem embargo de toda esta cautela, sempre lhe atiraram duas laranjadas. Herminio apressou o cavallo, chegou ao palacio, e achou el-rei e a rainha em uma varanda vendo a entrada do rustico, da qual tinham sabido pela entrada do creado de Herminio, e no entanto este lhes dava noticia das aventuras que lhes tinham succedido pelo caminho com Casasseno. Chegou a este mesmo tempo o que tanto desejavam; e viram vir Marcolfa e o aldeão que conduzia o cavallo de Casasseno e elle montado ás avessas. Trazia tal confusão de povo atrás de si, assobiando e gritando, que parecia tempo de entrudo. Cahi tanto em graça a el-rei e á rainha esta entrada, que se não póde ponderar. Chegando a palacio, os fizeram subir. Marcolfa entrou adeante, e depois della fazer uma grande reverencia, a el-rei lhe disse:

### Rei, Marcolfa e a rainha

Rei. Marcolfa, sejas bem vinda; ha tanto tempo que te não vejo! Julgava que já não eras viva.

Marcolfa. Eu para servir a vossa magestade vivo; e emquanto viva, serei sua escrava.

Rainha. Não me conheces? Não te lembras de mim?

M. Senhora, são tantas as obrigações, graças, mercês,

favores e dadivas que tenho recebido da vossa generosa mão, no tempo que estive nesta côrte com meu filho Bertoldinho, que trago sempre diante dos olhos as imagens de vossas magestades. Não o digo por adulação, pois, ainda que pobre montanheza, nunca gastei o tempo em dizer o que não sinto. E este modo de portar-me e ser agradecida o apprendi de um homem como Bertoldo, agudo e sentencioso em seus proverbios, que bem entendidos podem servir de muita doutrina a quem attento os ler; muitos disse, e, entre os muitos que lhe ouvi dizer, summamente gostei destas sentenças :

El pobre que es soberbio es veneno acervo.  
El pobre que se humilla es sincera avecilla.  
El pobre que es tramposo el peor que el oso.  
El pobre verdadero es como el cordeiro.

Rainha. E' certo que são dignas de reflexão. Porém, deixando isso por ora, dize-me onde está Cacasseno.

M. Senhora, commigo vinha; porém, não o vejo; pobre de mim! pois juntos vinhamos?

A este tempo levantou um criado uma cortina e fez entrar a Cacasseno, que trazia uma porta de rastos; os reis entrarão a rir de tão bôa entrada, sem saberem o motivo ds tal extravagancia; porém o mesmo criado lhes decifrou por se ter achado presente, e sem poder conter o riso disse :

Criado. Saberão vossas magestades que ao tempo de subir a escada do palacio, no entanto que Marcolfa entrava na sala, este selvagem disse a um criado que tinha vontade de verter agua; elle o levou a um lugar destinado para esse fim, e, assim que entrou, lhe disse: quando voltares, ao sahir, traze a porta comtigo; e o grande bruto assim o fez, tirando-a das couceiras, a traz de rastos, e desta sorte o trazemos para que o vejaes.

Rei. Dize-me, Cacasseno, para que trazes de rastos essa porta?

Cacasseno. E que se te dá a ti disso?

Rei. Muito se dá, que como da casa, quero sabê-lo.

Cacasseno. Se és dono da casa, então é tua a porta, e me dirás o que hei de fazer com ella.

Rei. Deixa-a.

Cacasseno. Porta, já te deixo, que o dono da casa te cascará.

Neste tempo chegou Marcolfa, e vendo esta simplicidade se enfadou muito, e lhe tirou a porta, mandando que se fizesse cortezia a suas magestades, se puzesse de joelhos

e lhes beijasse as mãos. Obedeceu Cacasseno, porém foi pondo-se de gatinhas, e assim desta forma começou a dizer.

### Cacasseno e Marcolfa

Cacasseno. Senhores meus! Bem védes minha reverente cortezia, prostando-me no chão, como minha avó me mandou. Não falta mais que metterdes-me o dedo na boca para eu beijar as mãos. Vinde, que estou esperando.

Marcolfa. Que fazes, jumento? Não queres beijar as mãos a suas magestades, como te ordenei?

— Pois não me disseste que fizesse cortezia, e que de joelhos beijasse as mãos aos dous. Pois já estou com os joelhos no chão. Dize-lhes que venham para l'has beijar, e avia-te que tenho vontade de merendar

Os reis gostaram muito desta simplicidade e o mandaram levantar, e chamando um criado de nome Atila, lhe ordenaram o levasse a merendar. No entanto Marcolfa o ficou desculpendo.

### Marcolfa, rei e rainha

M. Serenissimos senhores; haveis de saber que Cacasseno não é menos ignorante que seu pae Bertoldinho; enfim tal é a arvore, tal é o fructo; pelo que, vos rogo não estranheis as suas simplicidades. Eu o conduzi á côrte com muito gosto, para dar a conhecer que sou obediente aos vossos mandados; porém espero ao mesmo tempo licença para tornar para minha casa, sendo de vosso real agrado, ao que só por comprazer vim.

Rei. Está bem. E Bertoldinho vive todavia?

M. Está vivo e são; e depois que chegou a mais crescida idade começou a ter razão e juizo, cousa que parece fabulosa, porém assim é. Depois de algum tempo casou-se Cacasseno, e vos asseguro não poderíamos com as infinitas despezas da boda, se não tivéssemos as dadivas com que a piedade de vossas magestades nos tem favorecido; ainda que nos ficou bastante para viver medianamente segundo o nosso estado.

Rei. E' certo o que me dizes de Bertoldinho?

M. E' verdade o que disse, pois não me atreveria a mentir, e principalmente aos meus reis e senhores, ainda que me custasse a vida; e, se te não causar enfado, quizera contar-te um caso daquelles que contava Bertoldo meu marido; é bem a proposito. E' de um que dizendo uma mentira ao seu principe, perdeu mil pesos por isso.

Rainha. Conta, que para mim será de grande gosto.  
M. Havia um grande principe que tinha um criado muito querido. Sucedeu que um fidalgo vendo a familiaridade que este tinha com seu amo, buscou modo de communicar-lhe uma pretensão, esperando por esse meio alcançal-a, e em premio lhe offereceu mil pesos se a alcançasse.

O zunido de tão apeteçivel metal abriu as portas da sua avareza, e prometteu ao fidalgo que faria todo o possivel para que se despachase a seu favor a pretensão qu desejava. Não dilatou muito tempo em fazer a supplica o familiar, que logo recorreu ao principe, para que lhe concedesse a graça; para a obter mais facilmente, ideou uma mentira, dizendo que o favor que supplicava era para um seu irmão. O principe lhe respondeu que veria isso, consultando o ministro da sua inspecção, e que depois lhe daria a resposta. Como as mentiras não têm azas, e o mentiroso necessita de uma grande memoria, depois de alguns dias o principe se lembrou que, em certa occasião, lhe tinha dito seu criado que não tinha irmão algum; com que, para aclarar a verdade, fez chamar o fidalgo pretendente. Chegando á audiencia, o principe lhe disse: Tu me has de dizer a verdade, senão ficarás privado da minha graça. O fidalgo lhe respondeu que sem difficuldade daria noticia do que lhe perguntasse. Então o principe lhe perguntou: Dize-me: F. é teu irmão? Respondeu o fidalgo que não. Tornou a replicar. Porque te tem prometido e facilitado a pretensão que desejas? O fidalgo lhe respondeu: Senhor, eu lhe prometti dar-lhe de premio mil pesos. Disse novamente o principe: Pois a graça eu t'a concedo, com a condição porém, de não dares os mil pesos ao teu amigo, nem lhe falares mais neste negocio.

O criado não sabendo o que seu amo e o fidalgo tinham passado, e achando-o um dia de bom humor, lhe falou na graça que lhe tinha supplicado para seu irmão; então o principe, com grande agudeza, lhe disse: Bem podes buscar outro irmão, porque aquelle que tu pensavas que era teu irmão é meu,

Rei. Foi uma resposta muito prompta e graciosa. Porém, tornando ao nosso primeiro discurso, por que motivo tens omittido dar-nos noticias tuas, pois teriamos o gosto de todos os annos de te presentear?

M. Indiscreta é a pessoa que se não contenta com o preciso. Bastante temos desfructado da magnanimidade de vossas reaes pessoas, com dadivas no tempo da partida para a nossa montanha, com as quaes compramos muitas

terras e fazendas, de sorte que com o que gozamos podemos viver melhor que outros de maior esphera.

Rei. Porque não tens vestido daquelle panno fino que levaste, e juntamente dos lenços que te dei?

M. Porque a nossa montanha requer vestidos toscos e tambem a comida; como pão misturado com centeio e bebo continuamente agua; com esta comida se mantêm os corpos saudaveis e robustos.

Rei. O que se contenta com seu estado é feliz; porém é uma simplicidade de rusticas viandas, podendo-o fazer com manjares delicados deliciosos vinhos.

M. Não, senhor, é muito máo beber vinho quem não está acostumado, e é peor para a saude; para prova disso, quero contar um successo acontecido a um cavalheiro, alle mão, que contava meu marido por cousa certa, que vem a proposito e póde ser de exemplo áquelles que gostam do vinho. Se me prestaes attenção o contarei.

Rainha. Estamos promptos: começa.

M. Um cavalheiro allemão determinou sahir da sua patria, para ir vêr a maravilhosa cidade de Roma e reconhecer o delicioso reinado de Napoles. Pôz-se a caminho com um criado de toda a sua confiança, pratico nos taes paizes; chegando a Bolonha mandou ao criado que se adiantasse, e que em todas as villas e estalagens que achasse, para signal de que era bom vinho, e quando o achasse, para signal de que era bom, escrevesse sobre a porta da taverna esta palavra: EST.

O criado cumpriu o preceito, e quando o amo chegava, se via EST, ficava ali nm dia, tanto pela curiosidade de vêr a povoação, como para beber de tão deliciosa bebida, Foram caminhando pela Romenia e, chegando o criado a um lugar da Toscana, situado entre Florença e Siena, que se chama Pogibonce, parou em uma hospedaria, que chamavam das Chaves, e achou nellas tres generos de vinhos: moscatel, verde e treviano. Com este bom achado, pôz o criado tres vezes: EST, EST, EST. Chegou seu amo e, vendo tão boa noticia, se arranchou, e disse que lhe dessem a provar de todos os tres vinhos; bebeu dellés, e cada um de um gosto melhor, Deteve-se ali tres dias, sem saciar-se de beber, e chegou a tanta demasia que lhe sobreveio uma suffocação tão repentina, que em poucas horas morreu. O criado, que ia adiante fazendo alojamento do bom vinho para seu amo, o foram avisar do successo. Voltou para trás summamente melancolico com tão funesta noticia, e passou a participal-a aos parentes de seu amo e a todos os



seus amigos, os quaes perguntando-lhe de que havia morrido seu amo, respondia-lhes assim :

EST, EST, EST.

*Propter nimium EST.*

*Dominus meus mortuus st.*

Quer dizer :

«E, é, é.

«Por causa do demasiado é.

«Meu amo morto é.

Com que, applicando o conto, torno a dizer que o vinho é muito nocivo, é causa de infinitas desordens e enfermidades, o que não succede a nós outros na montanha, onde ninguem o bebe, pois mais apetece nossas aguas crystalinas, que com doce ruido se despenham dos concavos das fontes; quando as bebemos, chegam tão gostosas que nos livrão de todo genero de indigestões.

Rei. E' certo que tem sido muito graciosa a historia e muito adequada; porém creio que estarás cansada pelo motivo da viagem. Mando, e é de meu gosto, que vás descansar, e depois tornarás com Cacasseno.

El-rei chamou o mordomo, o mandou conduzir Marcolfa para o quarto que lhe estava destinado, e entrando, viu Cacasseno estendido no chão a gritar: Ai! ai! ai!

#### **Marcolfa pergunta o motivo ao criado**

Marcolfa. Que é o que tem succedido?

Criado. Depois que merendou, me disse que queria dormir; eu, julgando que não fôsse tão simples, lhe disse que subisse a esta cama, e elle, agarrando-se a uma das columnas della, foi subindo, e quando chegou ao remato não se pôde suster na columna, a qual quebrou, e cahindo elle deu com o corpo no chão.

M. Não te admires disso, porque na nossa montanha, como se não usam camas, imaginou que o sobrecéo della era onde se havia deitar; e creio que isto foi o motivo. Ai! desgraçada de mim! que é que vejo? Elle não fala; Cacasseno?

Cacasseno. Deixeme; não me espertes, que estou dormindo.

Marcolfa o levantou do chão, o estendeu sobre a cama cerrando-lhes as janellas, e o deixou dormindo. A este tempo foi o criado dar parte a el-rei e á rainha do successo. Ficaram admirados de semelhante ignorancia, e ao mesmo tempo se admiravam da memoria que conservava Marcolfa dos ditos de Bertoldo; e, tornando de novo a fazer commemoração da innocencia de Cacasseno, quando se pôz com

a bocca para baixo esperando que lhe dessem a mão para beijar, tornaram a rir, lembrando-se desta singeleza, com a de querer também subir ao sobrecéu da cama, e, tornando a rir, fizeram-lhe tornar a contar a historia, e a celebraram com gosto. El-rei lhe mandou que tornasse a vêr o que se passava e lhe desse parte das novidades que sobreviessem com o innocente Cacasseno. Emquanto elle estava dormindo, Marcolfa, cansada da viagem, e como tinha comido bem, foi descansar; porém, quando estava no melhor do somno, a despertou uma quéda que deu Cacasseno da cama abaixo.

### Cacasseno e Marcolfa

Cacasseno. Ai, infeliz de mim! Aonde estou eu?

Marcolfa. Que ruido é este? Que te succedeu?

C. Cahi da cama e não vejo nada; creio que perdi os olhos.

M. Que desgraçada que eu sou! Que dirão Bertoldinho e Dominguinhas quando saibam que estás cégo? Aonde estás?

C. Se estou cégo, como queres que te veja?

M. Espera, abrirei as janelas.

C. Alegria avósinha que já me appareceram os olhos!

M. Selvagem, como pôde ser que estivesses cégo? Seria o motivo de estarem as janelas cerradas, Levanta-te dahi, ter-te-ha feito mal o estares tanto tempo deitado.

C. Bastante, porque sinto uma grande dor nas ancas. Porém isto não se me dá muito cuidado, e se pôde dar por bem empregado pelo achado dos meus olhos.

Estando Marcolfa e Cacasseno com estas ignorantes razões o criado a quem havia el-rei mandado para que soubesse o que succedia, esteve escondido atrás de um repositório, e depois que viu todo o passado, sem poder conter-se de riso, marchou a dar noticia a el-rei do que tinha ouvido da perda dos olhos de Cacasseno. Foi em extremo o riso que tiveram, e mais quando o criado o contava, porque o contava com individuação. Depois disto, disse a rainha ao criado que dissesse a Marcolfa que tinha precisão de lhe falar, sobre cousas de sua dependencia, e não permittia perda de tempo; que viesse só e deixasse Cacasseno no quarto. Obedeceu o criado ao mandado e deu o recado a Marcolfa, a qual disse a Cacasseno:

## Marcolfa e Cacasseno

Marcolfa. Eu preciso de ir vêr a rainha; ella mandou dizer que vá só. Assim ficarás até que eu volte.

Cacasseno. Tambem quero ir, porque tenho medo de ficar só; receio tornar a perder os olhos outra vez.

M. De que tens medo? Cala-te, que não sucederá esse caso; fica te, que eu virei o mais depressa que possa.

Marcolfa cerrou a porta afim de que Cacasseno não viesse atrás della e, assim que ella lhe fechou a porta, começou a gritar de tal modo que parecia um bezerro; e, emquanto não encontrou uns jogos com que se divertir, não se calou. Chegando Marcolfa diante da rainha, disse:

## Marcolfa e a rainha

Marcolfa. Serenissima senhora, aqui me tendes muito prompta para obedecer aos vossos preceitos.

Rainha. Querida Marcolfa, eu me lembro que quando estivestes de outra vez na côrte com Bertoldinho me decifraсте certas dúvidas enigmaticas, acontecidas em um jogo em que me achei com damas e cavalheiros; e como eu tenho amanhã á noite outro divertimento semelhante, quizera que me ensinasses um jogo bonito, Porém quizera passar por inventora, e estou persuadida de que és capaz de o inventares.

M. Ai, senhora, as plantas sivistres não criam frutos domesticos, e eu que vivo em uma montanha, não posso inventar cousa digna da pessoa a de uma rainha como v. magestade; os que sei não são como eu quizera.

R. Não importa, ensina-me um, que fico contente e satisfeita sendo teu.

M. Em tudo devo obedecer e dar gosto a v. magestade, não obstante diga cousa que em mim seja commum, e mui ordinaria; porém, sahindo da vossa bocca, será preciosa, e se celebrará com summo gosto. Agora peço que me deis tempo para dar o enigma que me pedis.

R. Uma pessoa tão capaz como tu pede tempo para pensar? Eu creio que é fazer mofa de mim.

M. Eu fazer mofa de uma pessoa tão sagrada? Não se diga isto de mim. Sou muito agradecida, como o confessei ha pouco tempo na presença de el-rei; sendo eu uma infeliz, trago sempre na lembrança que com as suas dadivas tenho gozado grandezas, á correspondencia da qualidade de minha terra e de minha pessoa.

R. Este é o fructo que produz o mundo: o que é po-

bre fica rico, e, ao contrario, outros ha que de ricos passam a pobres. Não sabes aquele proverbio que diz:

Este mundo es escalera,  
Que uno acierta y otro yerra.

M. Meu marido Bertoldo, figurando o mundo, dizia.

La carne en el garabato  
Aulla el perro y mulla el gato.

E, para dizer mais claro, uns sobem e outros descem. A este proposito me lembro uma moralidade da raposa e do urso.

R. Desejo que a digas, e depois tornaremos ao nosso discurso.

M. Accidentalmente passando um dia a desavergonhada e astuta raposa por um pateo de um certo cavalheiro, trepou sobre uma cisterna, que estava com pouca agua, devido a uma grande secca; pôz-se a olhar para o fundo da cisterna, e viu uma quantidade de peixes que se sustentavam com pouca humildade, que tinha ficado; levada de seu appetite de gula, pensou ir em abaixo e, vendo uma cadeia com dous baldes, metteu-se em um delles, e com o seu peso promptamente desceu e se fartou de peixes até a garganta. Depois que se viu saciada, lembrou-se como tinha descido, e se persuadiu que seria o mesmo para subir; porém sahiu-lhe pelo contrario, porque não pôde subir de nenhum modo. Achando-se nesta afflicção, começou a queixar-se consigo mesma: Ai! infeliz de mim! dizia; o que tenho feito! julguei ter praticado uma cousa boa, e a fiz muito má; desgraçada de mim! Que farei? Quem me livrará deste captiveiro? Se os donos vêm, e me achão aqui, dirão que eu comi os peixes, e m'os sacarão do espinhaço á pancadaria, coma se costuma dizer, o que come as velas vomita os pavios; e, se vierem limpar a cisterna e me acharem aqui, perecerei sem duvida.

Emquanto a raposa se lamentava, passava um urso, seu parente; conheceu-lhe a voz, foi-se chegando para a cisterna, e, vendo-a em baixo lhe disse: Porque te queixas? Cahiste por ventura e não podes subir? Conta-me o que te succedeu, que desejo ajudar te em tão grande necessidade. Logo esteve prompta a maliciosa raposa, e nestes termos se explicou:

Querido e amado parente meu, sabes porque me quei-

xo ? É porque o caldo está demasiadamente gordo: quero dizer que vim aqui abaixo e tenho comido tanto peixe que estou cheia até aos olhos. Replicou o urso: E por isto te queixas? Respondeu a raposa. Não me queixo do que tenho comido, mas peza-me do muito que deixo. Disse então o urso: Ha muito? Acudiu logo a raposa: Podem-se carregar mais de dez azemolas. Ouvindo o urso isto, disse: Eu tambem quero ir lá abaixo, e tomar uma barrigada para tirar o meu ventre da miseria. Dize-me de que modo desceste abaixo? A raposa lhe ensinou, dizendo: faze o mesmo que eu fiz: agarra-te a esse balde, e virás abaixo com ligeireza; porém olha, não soltes as mãos. Tão depressa foi o urso para agarrar-se com o conselho da raposa, que com a mesma ligeireza cahiu em baixo sem considerar o seu fim, e ao mesmo tempo se metteu a raposa no balde que estava em baixo; e como o urso era mais pesado, tambem com ligeireza subiu acima, a qual vendo-se a salvo, disse ao urso seu parente: Adeus amigo, até a vista, que julgo não me verás jámais. Por isso se pode dizer que uns sobem, e outros descem; com que applico o conto, e moralizando-o digo que, quando uma pessoa se acha na maior pobreza, succede muitas vezes vir a ter grandes felicidades, como succedeu á raposa, que, depois de ter saciado o seu appetite, ficou contente e victoriosa, bufando do mundo; e a outros lhes succede o mesmo que experimentou o pobre urso que, deixando-se enganar de uma vil golosina, acabou sua vida em necessidade extrema.

R. Muito gosto me tens dado com a fabula referida, e só a tua agudeza poderia trazer cousa tão prompta e adequada ao caso. Porém, deixando isto e tornando ao nosso assumpto, o que quero é que me ensines um jogo de prendas em que o que perder dê sua prenda, e para a decifrar ou adivinhar alguma cousa difficultosa; em summa, ter alguma penitencia para depois se lhe entregar a sua prenda, e, no caso de não advinhar, costuma haver muitas risadas, etc.

M. Pois quero ensinar-lhe um jogo que será muito applaudido de todos os concorrentes; é jogo que viu Bertoldo fazer a uns cavalheiros, e cujo titulo é: *A musica instrumental*.

### Declaração do jogo

Os jogadores e jogadoras não hão de ser mais de doze, nem menos de oito; cada um ha de tomar um dos infrascriptos instrumentos, e o instrumento que colher o ha de imitar com a boca e com as mãos, e depois de o ter

imitado, nomeará outro instrumento de qualquer dos companheiros, imitando-o da mesma fôrma

### Nome dos instrumentos

Espinheta.  
Guitarra.  
Rabecão.  
Charamélla.  
Trompa.  
Viola.

Rabeca.  
Bandolim.  
Trombeta.  
Tambor.  
Flauta.  
Fagote.

### Principio do jogo

Aquelle que principiar o seu jogo nomeará o seu instrumento; por exemplo: principia o da espinheta, e dirá *dirindin, dirindin*, com a minha espinheta, e *turumtum, turumtum*, com o seu tambor; e o que tiver tambor responderá dizendo: *turumtumtum, turumtumtum*, com o meu tambor, e *taratá', taratá', taratá'*, com a sua trombeta; e assim se vai seguindo a roda. Advirto que não só se imita os instrumentos com a boca, mas também com as mãos, como já disse; e se deve responder bem depressa, e aquelle que assim não fizer, ou se equivocar, perderá sua prenda.

### Sons dos instrumentos

Dirindim, dirindim,  
Frim, frim, frim,  
Frinc, frinc, frinc,  
Siri, si, si, siri,  
Bou, bu, bou, bu,  
Taratá, taratá, taratá,  
Chris, chris, chris,  
Turumtumtum, turumtumtum,  
Bro, bro, bro, bro,  
Fiz, fiz, fiz, fiz,  
Vavatu, tutuva, vavatu,  
Fu, fu, fu, fu,

Espinheta  
Rabeca.  
Guitarra.  
Bandolim.  
Rabecão.  
Trombeta.  
Charaméla.  
Tambor.  
Trompa.  
Flauta.  
Viola.  
Fagote.

Advirto que, se os instrumentos fôrem de voz fina, os imitarão com voz fina, e, se fôrem de voz grossa, com voz grossa, e o que faltar a isto perderá prenda. Por isso diz o proverbio que tudo cansa neste mundo, e que todo o jogo quando mais de gosto é, quanto tem de mais breve; e assim; quando algum jogador perde prenda, logo sahirá

do jogo; e tendo metade dos jogadores perdido, se entregarão as prendas aos vencedores, uma a cada um, e depois se sentenciam.

R. Fico bem inteirada, e para que vejas se é certo, eu me explico melhor segundo o meu parecer.

— Aquelle que principia o jogo deve cantar com a bocca o seu instrumento, e tambem o deve imitar com as mãos, e quando chamar, ou contar o dos companheiros, dev-os imitar etc.; e desta maneira se seguirá com as demais condições que me tem dito.

— Porém, se por acaso eu chegasse a ser um dos vencedores, quizera me ensinasses uma difficuldade, para mandar decifrar ao dono da prenda.

M. Está bem: como faria vossa magestade para partir vinte em cinco partes, e que cada parte ficasse em nones?

R. Eu tambem estudei arithmetica; espera que eu faço a conta a vêr se me sahiu bem: 1, 3, 5, 7, 4, vinte, porém não são nones; 3, 3, 3, 3, 8, vinte, tambem não são nones; 3, 5, 7, 3, 2, peor; 5 vezes 4, vinte, nones são; mas é em quatro partes, não me é possível em cinco partes, e que fique em nones.

M. Veja com que facilidade o ha de pôr em claro e partir vinte em cinco partes, e que fique em numero de nones: ha de se partir a palavra vinte desta fórma:

Primeira	v	Parte
Segunda	i	Parte
Terceira	n	Parte
Quarta	t	Parte
Quinta	e	Parte

— Aqui estão repartidos vinte em cinco partes, e todas none, como se mostra.

Já está desatada a difficuldade, e penso que é bastante enigmatica.

R. É certo que é muito discreta; gosto della, e fico inteirado, persuadindo-me que sahirei com applauso da minha empreza, e que te darei os agradecimentos. Agora pois, não ha mais que fazer, vae-te a vêr Cacasseno, porque o pobrezinho te estará esperando impaciente.

Marcolfa foi para o seu quarto, onde tinha dêixado Cacasseno. Este, vendo uma tigela cheia de colla, e julgando ser coisa comivel, se pôz a comer com tanta satisfação que até encheu a cara da mesma colla, de forma

que ficou todo besuntado, Um criado que presenciou isto, sem demora foi dar parte a el-rei do que tinha visto.

A veneração que Marcolfa usava, se despediu da rainha e tornando a Cacasseno, Marcolfa lhe tinha dito quando foi vêr a rainha que se entretivesse até que tornasse; um criado, vendo que elle estava só, se escondeu em lugar do quarto para observar tudo o que fazia; esteve ali até que lhe viu fazer uma das suas, e sem poder conter-se foi dar parte a el-rei; este, sabendo que elle estava só mandou ao criado que o truxesse, o qual foi e o tirou do quarto, com o pretexto de que o levava a beber, sendo enganado; pois se achou diante de el-rei, e olhando elle para a cara, lh'a viu toda engordurada, e perguntando ao criado:

Rei. Que succedeu ao pobre Cacasseno, que traz a cara engordurada e porca?

Criado. Senhor, sabei que um moço da reposteria pôz ao lume uma tigela de colla, para pegar os castiçaes dos ramalhetes; e, parecendo-lhe cousa para comer, agarrou na tigela e comeu alguma porção de colla, de fórma que besuntou toda a cara, e de tal sorte ficou, que nem Barrabás lh'a poderá limpar.

R. Dize-me Cacasseno, comeste a colla?

Cacasseno. Minha avó me disse quando foi, que me entretivesse, e eu, como não achei outra cousa, me diverti com as papas, e este cara de judeu me trouxe diante de ti enganado, em logar de me levar a beber.

El-rei, ouvindo razões tão innocentes e olhando para a cara horrendissima de Cacasseno, entrou a rir, e mandou ao criado que o levasse a beber; porém, como desejava que a rainha fôsse sabedora de tal simplicidade, acenou ao criado para que o levasse para o seu quarto.

### A rainha e Cacasseno

Rainha. Como vieste aqui com essa cara engordurada?

Cacasseno. E' porque merendei, e terei pegado alguma cousa na cara; porém quizera dever-te um favor, que era me fizesses o gosto de mandar dar a este vinte e cinco bordoadas mui bem dadas, porque el-rei mandou que me levasse a beber, e elle não quiz obedecer; e assim manda tu que me tragam de beber, porque me sinto tão inchado como uma bexiga de porco.

R. A dizer a verdade, em tudo te pareces com elle, e a tua cara não é de outra cousa que do que tu dizes.



Mandou que lhe contassem o caso e depois ordenou que o levassem a beber.

Chegando Marcolfa ao seu quarto e não achando Cacasseno, se inquietou de tal modo, que ia sahindo a buscal-o, summamente enfadada; porém, ao mesmo tempo chegou Atilio com Cacasseno, e depois que soube do successo, começou a exclamar dizendo: Pobre de mim! Este bruto tem a culpa de me vêr envergonhada nesta côrte! Procurou lavar-o, porém eram vãs todas as diligencias, pois tão dura estava a colla, que não havia fôrças humanas para lh'a poder despegar da cara, e foi preciso pôr agua a aquer para lh'a poder tirar. Entadada das suas asneiras, e sem esperanças da sua emenda, determinou ir pedir licença a el-rei e á rainha para retirar-se á sua montanha; e, indo, os achou juntos, e com uma reverencia humilde lhes disse.

### Marcolfa, rei e rainha

Marcolfa. Serenissimos senhores: já que foi tanta a minha fortuna em vos achar aqui juntos, acontecendo me o que muitas vezes acontece ao caçador, que, armando uma rede para apanhar um passarô, apanha dous, com a maior submissão venho a supplicar-vos me concedais licença para ir á minha cabana, e espero esta graça de vossas clemencias.

Rei. Conheço que é prejudicial aos interesses e ao governo da tua casa a ausencia da tua pessoa, e assim te concedo permissão, quando fôr tua vontade; porém asseguro-te que para nós seria do maior gosto que ficasses na nossa vista; e assim, supposto que estás em animo de marchar, pelo que a mim me toca, eu te concedo licença, com condição que seja do agrado da rainha.

Rainha. Eu te concedo licença, porém com obrigação de que has de vir com Cacasseno cada anno uma vez a vêr-me, e se não escrupulisasse o prejuizo que se pode seguir á tua casa da tua ausencia, seria o meu maior gosto que ficasses a viver na côrte.

M. Piedosissima rainha, falo sincera e com verdade, podeis crer-me; se eu deixára os ares puros da minha montanha, e me faltassem aquellas aguas subtis, o comer daquellas viandas grossas, e ficasse na côrte, com exquisitos vinhos e comeres regalados, em breve penso que morreria: esta é a minha primeira difficuldade. A segunda é que, habitando na côrte a titulo de mulher que procede em tudo com clareza sem querer que a liongeiem, não

havia eu de poder soffrer alguns prezados cortezaños, sendo só interessados e aduladores, cujas compleiçõs são como dos avestruzes.

Rainha. Tu conheces esses tais?

M. Conheço por uns versos que vi de meu marido Bertoldo, feitos no tempo em que estava na cõrte.

### Capitulo del virtuoso cortesano, y del ambicioso, pareados

En vez de Corte, puso la voz Muerte  
Un poeta, y no es mucha la ignorancia.  
Porque de Corte á Muerte, si se advierte,  
Es muy poca ó ninguna la distancia;  
O ya á la muerte, pues, ó ya á la corte,  
Arreglando a su modo traje y porte,  
Concurre el virtuoso:  
A este, opuesto, le sigue un ambicioso;  
De cerimonias viene prevenido,  
Con hevilla y zapato presumido;  
Don Simón ser pretende al que llagare;  
Pero un tonto será el que así lo usare,  
Porque en su trato, y en su vil porfia,  
No será D. Simón, si SIMONIA.  
Al virtuoso, se á medrar se aplica,  
Que es muy difícil, se le significa  
Su esperanza, desde hoy pasa á mañana,  
Y por mucho que estudie siempre afana.  
Al ambicioso, en todo entrometido,  
Con falsa adulación, labio fingido,  
Si en la lisonja funda la alabanza,  
Siempre la Corte dá buena esppranza;  
Corre pronto al alhado, al fingimento,  
Y es más aleve, quando más atento,  
Pues con risa falsa en sus razones,  
Corre bellaco á las sublevaciones;  
O ya uno de estes á su dueño acaso,  
Si tiene hambre ya está la mesa al paso;  
Si ya no tiene gana lo mejora.  
Pues le dice muy presto: no, no es hora;  
Si á otro dia á aquel punto está presente  
Y el valedor con gana no se siente,  
Le responde con mucha cortesia:  
No es tiempo de comer, no es meio dia.  
Si el potrón dice: ola ¿ya está listo?  
Ligereza mayor jamás se ha visto;  
Y bien que sea tarde, ó bien temprano,  
Se presenta el sombrero ya en la mano;  
Si acaso escupe, como esté delante,  
Vá, y con el pie lo limpia en un instante.  
Pero basta: la hoja aquí doblemos,  
Y el discurso á otro asunto lo mudemos;  
Que un útil pensamiento en esto se halla,  
Y es quitar la máscara á tal canalla.

M. Estes são os versos que escreveu Bertoldo, bem inteirado do que é a côrte, e deixar de falar claro a estes não está na minha mão.

Rei. Não ha duvida que merecem attenção estes ditos, porque têm muita moralidade. Porém, tornando ao que iamos, te digo que a tua conversação nunca nos pode servir de tedio.

Rainha. Dize-me, não me tens offerecido que tornarás a vêr-nos?

M. Se a vida me permittir não terei difficuldade em cumprir com uma obrigação tão devida.

El-rei mandou chamar o mordomo, e lhe disse trouxesse duzentos escudos para a dar a Marcolfa, dispondo ao mesmo tempo que pela manhã cedo fizesse apromptar uma liteira para a conduzir á montanha.

Enviou o mordomo logo ordem ao liteireiro para que, na manhã seguinte, estivesse prompto para conduzir as duas personagens.

### Marcolfa se despede da forma seguinte

Marcolfa. Agora conheço que vossas magestades são nossos amos e senhores, e amigos certos.

Rei. Tu dizes que nos reconheces por certos amigos; pois diz-me: que entendes tu nesta palavra *certos*?

M. E' porque ha tambem amigos incertos.

R. Pois declara-me esta differença.

M. Escuta e attende-o em esta

### OITAVA

Tanto me sirve el bien que no aprovecha,  
Quanto el mal, que no daña dá cuidado,  
De amigos de promesas hay gran cosecha,  
Que el bolsillo te ofrecen con agrado,  
Más si á la pruebas vienes, la deshecha,  
Que son chacharas y parola te ha mostrado;  
Sólo es amigo, el que en grandeza alguna  
Favorece al de misera fortuna.

R. Pois como se ha de haver o homem para ganhar os verdadeiros amigos?

M. As amizades verdadeiras são as que estão fundadas com as acções de caridade e costumes virtuosos; porém aquellas que têm os sentidos do vicio duram pouco. O melhor é que ninguem se metta no que lhe não toca, pois nunca sahirá bem e se arrisca a muitas contingencias; e, como eu não tenho tédio a pessoa alguma, quero

dizer a v. m. uma moralidade que vem bem adequada ao assumpto.

Rainha. Refere-a, que ouviremos com gosto e attenção enquanto vem o mordomo com os duzentos escudos.

M. Haveis de saber que, no anno em que as gallinhas fiavam lã para tecer pannos para fazer colções aos gallos, como refere Esopo, faltavam então todos os animaes, e por conseguinte tinham entre elles suas amizades, e ás vezes suas desavenças, d'onde vinham a ter pleitos; tratavam e contratavam em tudo aquillo que lhes era preciso para viver. Nesse mesmo anno, se achavam as raposas odiadas geralmente, por terem enganado ao mundo com suas astucias, achando-se sem amigos, e perseguidas em extremo. Casualmente um dia uma se encontrou com um cão, o qual, assim que a viu, se deitou a ella para a matar. Ella, com sobresalto de sua curta vida, procurou pôr-se a salvo, como com effeito o conseguiu, e foi a sua sorte que, achando um agueiro, se escondeu dentro d'elle, de modo que ao cão não foi possível poder entrar. Não obstante, vendo-se opprimida, sempre com o mesmo perigo se sahisse dalli, ideou esta nova astucia:

Começou a falar ao cão com palavrinhas doces dizendo: Dize-me, formoso, querido e amado meu, porque me queres matar? Saberás que vinha desejosa de te falar, e conferir contigo um pensamento e arbitrio que ha de redundar em em teu favor; depõe a um lado a tua raiva, e te suplico que me escutes. Ouvindo-a o cão gabal-o com tanta doçura, e com o interesse de que tinha de tratar negocio favoravel aos seus interesses, respondeu que a escutaria muiio gostoso; continuou a raposa: já sei, cão meu, que tendes noticia de todas as minhas picardias, em que tenho delinquido até o dia presente; porém prometto por vida de quem sou, tratar da emenda: já estou arrependida de tal modo, que de hoje em diante viverei sem fazer mal. E assim eu te venho buscar, porque estou persuadida de que entre os animaes do mundo tu só tens o nome de fiel, e espero que tambem tu sejas commigo, o que não duvido; e, já que tenho a fortuna de te dar o meu parecer, te digo que não te posso expressar a lastima que me causa um estado tão infeliz como o que te está destinado, tanto de dia como de noite, precisando estar vigilante em casa de teu amo para cumprir com a tua obrigação e viver com a miseria daquilo que te quer dar, e isto te ha de servir de sustento; e depois os accessos é trabalhar sem descansar dia e noite; antes muito pelo contrario, pois é preciso

velar e mais velar. Meu pobrezinho, eu te asseguro que se me parte o coração de dôr e compaixão; assim te torno a dizer que estou arrependida das minhas maldades; e só me falta, para ser boa daqui em deante, uma boa companhia, pelo que desejo ter amizade contigo; deste modo, levando-me em tua companhia, te alliviarei de tanta sujeição como tens, e farei sentinella como tu, em casa de teu amo; tu farás guarda de dia, e eu farei de noite; com isto começarei a merecer, e quizera que no emtanto te empenhes com teu amo, insinuando-lhe que me receba para maior segurança e utilidade de sua casa, porque, tendo guardas dobradas, fica mais seguro e descansado.

Então o bom cão, quadrando-lhe tão suaves proposições, e sem considerar que a pratica e amizade de um animal tão infame se lhe havia converter em danno e e prejuizo até á sua morte, lhe disse: Sahe para fóra desse agueiro, que eu te dou palavra de honra de te não offender, de falar a meu amo para que te receba e fiques na minha companhia. Sahiu para fóra a raposa, debaixo de sua palavra honrada, e foram juntos estes dous novos amigos para a casa do amo do cão, o qual, assim que viu o novo hospede, pegou num pau e foi correndo para lhe amassar o corpo; a raposa que viu o modo e desembaraço do amo maliciosamente não quiz fugir; antes pelo contrario, deitando-se, pôz-se com a barriga para o ar com grande humildade. O cão, vendo esta acção, se compadeceu e se metteu no meio para que seu amo a não maltratasse, rogando-lhe que a recebesse em sua casa, para maior segurança della. O amo condescendeu ás suas suplicas, e lhe prometeu, comtanto que fizesse os seus deveres, de os sustentar a ambos, consignando-lhes quatro pães todos os dias para cada um, uma celha de agua, os ossos e mais regalias e emolumentos que se proporcionassem. Ficou feito o contracto; por dous ou tres dias andou muito satisfeito o amo do cão e da raposa; porém este malicioso animal, como o seu costume é comer gallos, frangos e galinhas furtadas dos gallinheiros, não se podia costumar a comer aquelle pão negro, misturado com centeio e cevada, que se usa para os animais comerem; maliciosamente formou uma industria, e foi que, achando-se um dia em conversação com o cão, lhe começou a dizer: Amigo e fiel companheiro, já que estamos sós, quizera dizer-te quatro palavrinhas, que te asseguro redundarão em nosso favor; porém com o ajuste de que me has-de dar palavra de não te oppores ás minhas proposições, tão vantajosas

á nossa maior utilidade. Respondeu o cão: Eu te dou palavra, como verdadeiro amigo, de te escutar e de viver canonicamente contigo, sem que eu a ninguem releve o segredo, com o que bem podes descobrir livremente teu peito. Replicou a raposa: Amigo tu já podes considerar o nosso miseravel estado; não o digo por nosso amo, pois não duvido que cumprirá tudo que nos tem prometido; vê da sorte que nos temos posto! depois que nos dão a comer pão de mistura, estamos fracos como umas aboboras, e negros como tições, e não é porque tu sejas feio antes és bem galante e formoso; porém a falta de carne te faz feio. Ah! pobrezinho! Se tu te visses, contarias as costellas! E assim quizera que agora te aproveitasses, que é tempo, e tomasses o meu conselho. Eu sei bem quanto és pratico nestes lugares: pois, quando sahes fóra com o nosso amo, bem conheces todas as casas dos vizinhos de sorte que não ignoras as entradas e saídas de todas ellas; e, se acaso tivesses pouca pratica de algumas, as podes correr de dia, para ficares pratico; e de noite, no entretanto que nosso amo dormir, podemos ir um dia a a uma outro dia a outra, buscar um par de galinhas; ensinando-me tu o galinheiro ficarás para me guardares as costas, e eu com grande destreza executarei o tiro, e depois iremos para um palheiro, que não faltam em cada casa deste lugar. Deste modo cada noite mudaremos de pouso, vivendo alegremente muitos dias, sem que ninguem o saiba, porque tu não és pessoa suspeitosa; de dia irás descobrir terrêno, e pela noite iremos a pegar fogo á mina gallinhesca.

O cão que lhe deu palavra, consentindo nas suas malditas astucias, deixando-se vencer com as falsas proposições da raposa; puzeram-no em execução, e juntos, de de dia e de noite, se regalaram á custa dos vizinhos do lugar pois de cada um o pagava seu galinheiro.

Depois de alguns dias as mulheres do lugar, estando em conversação, disse uma; Amigas, não sabeis que esta noite me furtaram um par de galinhas? Respondeu a outra; Pois a mim também me succedeu o mesmo a noite antecedente; e assim uma depois da outra, foram referindo o mesmo, de que resultou determinarem pôr uma armadilha em um dos galinheiros e estarem de vigia para vêr se podiam descobrir o aggressor.

Emquanto se determinava isto entre ellas, o cão, que andava rodeando e espiando a casa, ouviu os preparativos que dispunham contra elles e foi correndo a dar aviso á

raposa, a quem disse; Amiga, já que a fortuna tem querido que nós estejamos gordos, não tornemos mais a furtar. Porém a viciosa raposa, que não podia acostumar-se ao pão do cão, ideou outra astúcia: ia pela noite ao galinheiro de seu amo e comia uma galinha, perseverando nesta infamia até uns seis dias: e, vendo o que daqui podia resultar, disse; Já não ha tempo de estar-se com as mãos na braguilha, porque se meu amo faz revista das suas galinhas a mim me ha de tornar a culpa, do que resultará gravissimo risco á minha vida.

Depois que fez as suas contas, foi a casa de seu amo, e lhe disse, Senhor, é certo que estou satisfeita dos muitos favores e do bom trato que me tendes feito, do que tão agradecida venho a descobrir-vos uma infamia que se faz todas as noites no vosso galinheiro. Perguntou o amo: Que infamia é a que se comette? O desavergonhado do vosso cão, de quem vós tanta confiança fazeis, é um ladrão e cada noite furta uma gallinha; o que com o furto eu não o sei. Replicou o amo: E' verdade o que me dizeis? E' certo, senhor; e, para desenganar-vos, vêde o galinheiro e fazei revista ás gallinhas, e conhecereis a falta, e para vos desenganardes, esta noite o vereis com o furto na bocca.

O amo, irado contra o cão, ficou com o aviso da raposa de se desenganar vendo com seus olhos. Despediu-se a raposa do amo, e, chamando o cão, com grande segredo lhe disse: Amigo, é tanto o amor que te tenho, que não posso estar um só instante sem te vêr, assim te digo que isso de andar nos galinheiros não é muito bom, pois pôde succeder um dia ou outro nós cahirmos na harmadilha, e o pague a nossa pelle, porém; não obstante, eu te asseguro que tenho vontade de comermos um par de gallinhas. Perguntou o cão: De quaes? das do nosso amo? Sim, das mesmas; eu as matarei, e tu as irás saccar do galinheiro e as esconderás em algum barranco, que ali as comeremos.

O cão fez alguma repugnancia a tão depravada proposição; porém a raposa o enredou de tal modo que consentiu, e ficaram determinados a fazê-lo. Com effeito, a noite fez vêr ao amo a verdade, pois viu passar o cão com as gallinhas na bocca, e indignando-se de vêr tal infamia, esperou no dia seguinte que elle dormisse, e o matou. Quando a raposa viu tal castigo, logo se lembrou daquelle rifão que diz: Quando vires as barbas do teu vizinho a arder, deitas as tuas de mólho. Disse que lhe não convinha estar em semelhante terra, temendo lhe succedesse o mesmo

que succedeu ao cão; todos estes juizos os fundava bem, porém achava difficil escapar-se do lugar. Não obstante, achou um novo modo, e foi que, vindo o amo á sua casa lhe disse: Agora já tirei o cão da tua companhia, sendo elle o ladrão das gallinhas; creio terás conhecido a grande confiança que faço da tua pessoa. O meu desejo é que tu sirvas de cão.

Com grande machiavelice respondeu a raposa: Com muito gosto obedecerei ao que me mandaes; porém quero que mandeis esfolar o cão, curtir a pelle, e depois, á noite m'as poreis ao redor do corpo, que deste modo parecerá aos ladrões que sou cão, e terão medo de mim, ainda que eu não ladre, que será o mais certo; pois diz o proverbio — cão ladrador não é bom caçador — e deste modo darei côr a esta invenção, e ficarão enganados, julgando que sou cão, e terão medo de mim.

Ao amo pareceu muito bom o conselho e o seguiu.

Pela manhã se levantou o amo, e, não achando a raposa, logo foi ao gallinheiro; e, vendo a falta das gallinhas descobriu o estratageima de tal animalejo, pelo que disse em alta voz: Está muito bem empregado, e eu mereço tudo que me tem succedido; isto acontece a todos aquelles que lidam com gente viciosa, que faz perder as pessoas com que trata; estou certo que ao pobre cão o matei innocente, e a desgraçada emanou da communicação que teve com a maliciosa raposa, Este é o fim da fabula que prometti contar a vossas magestades.

Rei. Não ha duvida que a fabula, não só é bonita, mas de grandissima utilidade para todos aquelles que andam com más companhias e tratam com gente vil mettida no vicio, os quaes fazem verdadeiro aquelle proverbio que diz — que as más companhias conduzem homem á forca. E agora, tornando ao passado, digo que já vem o mordomo, e te dará duzentos escudos com os quaes te quero presentear, e te encarrego que tornes a vê-nos, como tens promettido; pela manhã cedo irás com mais commodidade para tua casa, onde creio que estarão esperando com grande ancia Bertoldinho e sua mulher.

Deixou de falar el-rei; e a rainna, que tinha estado calada, disse depois gabando-lhe a fabula

Rainha. A fabula é muito graciosa é póde servir de muito governo, particularmente a gente moça; porém diz-me de que procede aos principes terem tantos amigos?

M. Aos grandes todos se mostram amigos; uns por



interesse, outros por adulação, outros por medo, e os demais por obrigação e respeito.

Chegou o mordomo e entregou a Marcolfa os duzentos escudos, e a rainha tirou do dedo um anel de esmeraldas e lh'o deu, para que em seu nome o dêsse a Domingas ou a Minguinhas, que assim a chamavam no seu lugar. Depois que Marcolfa recebeu o expressado disse:

Serenissimos e piedosissimos senhores, haveis de saber que entre as copiosas e lindas cousas que contava meu marido, me parece adequadissima esta que refiro:

Dizia-se de Alexandre Magno, que um dia, querendo dar uma grande porção de ouro a um philosopho, este recusou admittil-o, pois, esquivando-se para não admitir a dadiva, determinou injuriar a Alexandre, tomando melhor partido ficar na miseria que receber a offerta. Não obstante isso, eu dou a vossas magestades as mais devidas graças pelos favores tão grandes que haveis servido fazer-me, de que eu sempre ficarei escrava reconhecida.

E só agora espero que me deis as vossas ordens, desejando tenhaes uma larga vida, cultivada das maiores felicidades, e que sempre logre o vosso reino a maior tranquillidade, para o descanso dos vossos animos reaes:

El-rei e a rainha ficaram admirados da eloquencia de Marcolfa, porque o conceito commum não era de mulher nascida entre montes, antes pelo contrario porque era tão sagaz que podia vender a descrição a todos; e bem bastava ter sido mulher de Bertoldo, homem tão celebrado no mundo.

Pela manhã cedo marcharam na liteira até á sua casa, e na volta o liteireiro deu a noticia a suas magestades da grande alegria que mostraram Bertoldinho e Domingas de os vêr. Acrescentou mais que lhe fizeram grandes cumprimentos, juntando-se tambem todos aquelles montanhezes vizinhos, cheios de muita alegria. Porém muita mais alegria, disse, teve Bertoldinho quando ouviu o zunido dos escudos, como tambem Domingas com o presente da esmeralda (que isto de receber é uma cousa tão boa, que ainda aos mesmos tontos agrada). E com dobrada alegria não se saciava ella de fazer infinitos carinhos a seu formoso Cacaseno.

Como Marcolfa sabia lêr e escrever, escreveu uma carta e a deu ao moço da liteira para entregar a suas magestades. Chegando o dito a palacio, apresentou a carta a el-rei e, assim que a viu, foi em direitura ao quarto da rainha, participando como tinha recebido carta

de Marcolfa; com grande gosto a abriram, a qual continha o seguinte.

Meus senhores, sendo tão devido obodecer aos preceitos de vossas magestades, me obrigo a participar que cheguei a esta sua humilde choça; por não omittir a obrigação, me valho desta occasião do retorno do liteireiro a a essa côrte, noticiando a vossas magestades que fomos recebidos com grandissimo appláuso de Bertoldinho e Dominguinhas, tendo-se-lhe augmentado muito o alvoroço com os mimos com que nos haveis honrado, do que damos todos juntos mui rendidas graças. Não escrevo cousa particular de Cacasseno, porque o liteireiro sahe pela manhã muito cedo, e elle todavia está na cama. Esta minha servirá um pequeno reconhecimento; e no emtanto eu e toda a minha familia desejamos a vossas magestades todas as maiores felicidades.

FIM

---

1927

TIPOGRAFIA LUSITANIA

Rua do Sol (a Santa Catarina), 40-B

LISBOA



